

# MODELO DOS CINCO GRANDES FATORES DA PERSONALIDADE: ANÁLISE DE PESQUISAS

*Izabella Brito Silva<sup>1</sup> – Pontifícia Universidade Católica de Campinas*  
*Tatiana de Cássia Nakano – Pontifícia Universidade Católica de Campinas*

---

## RESUMO

Em virtude da importância do modelo dos Cinco Grandes Fatores para avaliação da personalidade, o presente estudo teve por objetivo realizar um levantamento de pesquisas feitas no Brasil acerca desse modelo nas bases de dados Scielo e PEPsic e nas quatro edições do Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica. Os trabalhos mostram um crescente aumento no número de publicações sobre a temática, com concentração de pesquisas desenvolvidas nas regiões Sul e Sudeste, representadas principalmente por pesquisadores ligados à UFRGS e a USF. A maior parte dos trabalhos apresenta dupla autoria, tendo sido desenvolvido com amostras de jovens e adultos, fazendo uso principalmente da EFN, EFeX e EFS como instrumentos.

*Palavras-chave:* Personalidade; Traços típicos; Avaliação da personalidade.

## BIG FIVE FACTOR MODEL: RESEARCH ANALYSIS

### ABSTRACT

Given the importance of the Big Five model for personality assessment, this study aimed to survey research done in Brazil about this model in the databases Scielo and PEPsic and the four editions of the Brazilian Congress of Psychological Assessment. The researches show a steady increase in the number of publications on the subject, with a concentration of researches developed in the south and southeast, mainly represented by researchers from UFRGS and USF. Most studies show dual authorship, having been developed with samples of youngsters and adults, making use mainly of EFN, EFeX and EFS as instruments.

*Keywords:* Personality; Typical traits; Personality assessment.

---

## INTRODUÇÃO

A personalidade é um construto da psicologia que sempre teve destaque na área da Avaliação Psicológica, motivo pelo qual tem sido fonte de grande número de estudos e debates teóricos e metodológicos. De acordo com Prinzie, Dekovic, Reijntjes, Stams e Belsky (2009), a pesquisa da personalidade ganhou novo ímpeto e direção a partir do estabelecimento de um consenso acerca da sua estrutura, por meio do modelo fatorial da personalidade baseado nos cinco fatores. A importância desse modelo se embasa principalmente no fato de, segundo os autores, ter sido aplicado em diversas amostras, em diversas culturas e por meio de numerosas fontes de informação (incluindo auto-avaliação, avaliação por pares e avaliações clínicas), tendo demonstrado sua adequação nos diferentes usos.

A palavra personalidade diz respeito a

padrões de comportamento e atitudes que são típicas de um determinado indivíduo, de forma que os traços de personalidade difeririam de um indivíduo para outro, sendo, entretanto, relativamente constantes em cada pessoa e estáveis (Rebollo & Harris, 2006). Nesse sentido Allport (1966) caracteriza a personalidade como “a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seus pensamentos característicos” (p. 50). Já de acordo com Trentini, Hutz, Bandeira, Teixeira, Gonçalves e Thomazoni (2009), a personalidade se referiria às características dos indivíduos, sendo única e o distinguindo dos demais a partir de padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos.

Embora haja uma variedade de definições para esse construto, a avaliação da personalidade irá depender da teoria adotada pelo pesquisador, de maneira que a forma como as teorias conceituam o termo acaba por definir as principais características de cada posição teórica. Um dos modelos mais difundidos para descrever a estrutura da personalidade dentro da teoria dos traços, sobretudo da personalidade adulta do ponto de vista

---

<sup>1</sup> Endereço para correspondência:

R. Jasmim, 750, Ed. Rio Tâmisia, apto. 114,  
Bairro Chácara Primavera, Campinas-SP, CEP 13087-5460.  
E-mail: izabella\_brito@hotmail.com

psicométrico, é o modelo dos Cinco Grandes Fatores da personalidade, também conhecido como Big Five, considerado uma teoria explicativa e preditiva da personalidade humana e de suas relações com a conduta (Garcia, 2006). Tamanha a sua importância que, segundo estimativa de Cuperman e Ickes (2009), havia, até o ano de 2006, 1.672 publicações referentes ao Big Five em bases de dados internacionais.

O modelo dos Cinco Grandes Fatores tem sua origem em um conjunto de pesquisas sobre personalidade, advindos de teorias fatoriais e de traços de personalidade. Nunes e Hutz (2002) afirmam que um dos pioneiros no desenvolvimento do modelo dos CGF foi McDougall que, na década de 30, sugeriu que a análise da linguagem de uma população ajudaria a entender a sua personalidade, propondo um modelo na qual ela poderia ser analisada a partir de cinco fatores independentes. Após esse trabalho, McDougall inspirou pesquisas sobre o modelo, como os estudos de Fiske (1949), Borgatta (1964), e Tupes e Christal (1992).

Segundo Nunes, Hutz e Nunes (2010), o modelo tem sido extensamente estudado por possibilitar uma descrição da personalidade de forma simples, elegante e econômica, já que outros modelos fatoriais da personalidade são maiores e mais complexos. Nesse sentido Pervin e John (2004) citam, por exemplo, o modelo de Cattell que apresenta até 16 traços distintos, e o modelo de Allport, o qual sugere a existência de traços peculiares a cada pessoa, de forma a considerar a possibilidade de um número infundável de traços. Dentro dessa constatação, um modelo composto por cinco fatores representa um avanço conceitual e empírico no campo da personalidade, visto que pesquisas têm demonstrado que quando se avaliam os principais instrumentos de personalidade, independentemente da teoria que os embasam, o emprego da análise fatorial tem indicado soluções compatíveis com o modelo dos Cinco Grandes Fatores (Hutz, Nunes, Silveira, Serra, Anton & Wiczorek, 1998; Nunes, Hutz & Giacomoni, 2009). Os autores citam como exemplo estudos com os principais questionários e inventários de avaliação da personalidade: o 16-PF, O MMPI, a escala de Necessidades de Murray, o California Q – Set, as escalas de Comrey, entre outros. De acordo com Garcia (2006), embora ainda existam divergências quanto à denominação dos fatores, um consenso foi alcançado em relação ao conteúdo das

dimensões, independentemente do país, instrumento utilizado e da pessoa que é avaliada.

Os traços de personalidade podem ser usados para resumir, prever e explicar a conduta de um indivíduo, de forma a indicar que a explicação para o comportamento da pessoa será encontrada nela, e não na situação, sugerindo, assim, algum tipo de processo ou mecanismo interno que produza o comportamento. Embora considerados parte constante, devido ao fato de representarem uma tendência, de forma a se poder afirmar a presença de traços ou tendências da personalidade, os traços não são imutáveis (Pacheco & Sisto, 2003). Os traços de personalidade seriam características psicológicas que representam tendências relativamente estáveis na forma de pensar, sentir e atuar com as pessoas, caracterizando, contudo, possibilidades de mudanças, como produto das interações das pessoas com seu meio social (Sisto & Oliveira, 2007). Essa visão também é compartilhada por Costa e McCrae (1998) ao afirmarem que os traços podem sofrer influência de aspectos motivacionais, afetivos, comportamentais e atitudinais.

Dessa forma, Anastasi e Urbina (2000) afirmam que estudos com análise fatorial e personalidade, baseada na teoria do Traço, começaram a ser desenvolvidos na década de 40, mostrando seus resultados que seriam necessárias entre quatro e dezesseis dimensões básicas para descrever a estrutura da personalidade. Porém, as autoras informam que uma importante mudança nessa visão ocorre por volta da década de 60, ocasião em que um amplo leque de pesquisas começa a convergir na ideia de que a maioria das abordagens de traço comuns da personalidade poderia ser descrita por apenas cinco dimensões da personalidade. Esse modelo passou a ser chamado de Modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF), ou *Big Five*. Nessa perspectiva, este modelo representa um dos progressos mais importantes no estudo da personalidade nos últimos anos, visto que faz uso de um modelo geral de taxonomia que emprega amplos fatores (formados, por sua vez, por várias características), para descrever a estrutura da personalidade (Pimentel & Donnell, 2008).

O crescente interesse por esse modelo na comunidade científica se dá em razão da grande evidência de sua universalidade e aplicabilidade em diferentes contextos, uma vez que, ao fazer uso da análise fatorial, que é identificada por ser peculiar e com base empírica, a pesquisa com o modelo dos

CGF da personalidade permite que seus resultados sejam mais fidedignos e valiosos (Nunes & Hutz, 2002). Embora este modelo tenha se desenvolvido à luz das metodologias empiricistas e não de uma teoria em si, ele tem se mostrado capaz de explicar os resultados obtidos em testes criados com base em diversos modelos teóricos de personalidade e em diferentes culturas, já tendo sido replicado em alemão, japonês, chinês, hebraico, nos EUA, em Portugal, entre outras (Nunes & Hutz, 2002). Apesar de ser um modelo relativamente recente, embasou diversas pesquisas transculturais que corroboraram sua universalidade (Silva, Scloftfeldt, Rozemberg, Santos & Lelé, 2007). McCrae e Costa (1997) referem tal fato à existência de um conjunto de características biológicas de nossa espécie, representadas por traços, ou pode representar simplesmente uma consequência psicológica das experiências humanas compartilhadas da vida em grupo.

No Brasil, os cinco fatores básicos desse modelo têm sido chamados de Extroversão, Neuroticismo, Socialização, Realização e Abertura à experiência, embora a literatura internacional tenha apontado algumas divergências em relação aos nomes. Como exemplo podemos citar os apontamentos de Urquijo (2001), ao afirmar que alguns autores preferem denominar alguns desses fatores como agradabilidade, escrupulosidade e estabilidade emocional, o de McCrae (1993), ao comentar que o fator abertura à experiência tem sido chamado também de intelecto, e ainda o de Nunes, Hutz e Giacomoni (2009), ao afirmarem que o fator socialização também tem sido chamado de amabilidade e o fator realização, de conscienciosidade. Embora existam discrepâncias na forma como são chamados alguns fatores, as definições são consensuais e apontam para características semelhantes. Assim, Nunes e Hutz (2002) definiram Extroversão como sendo a quantidade e a intensidade das interações interpessoais preferidas, nível de atividade, necessidade de estimulação e capacidade de alegrar-se. Socialização se caracterizaria por ser uma dimensão interpessoal que se refere aos tipos de interações que uma pessoa apresenta. Realização seria o fator que representa o grau de organização, persistência, controle e motivação para alcançar objetivos, ao passo que os outros fatores, Neuroticismo e Abertura, referem-se ao nível crônico de ajustamento emocional e instabilidade e aos comportamentos exploratórios e

reconhecimento da importância de ter novas experiências, respectivamente.

Para avaliação da personalidade nesse modelo existem atualmente cinco escalas aprovadas no Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (Satepsi) do Conselho Federal de Psicologia. Três delas avaliam os fatores separadamente: a Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo (Hutz & Nunes, 2001), a Escala Fatorial de Socialização (Nunes & Hutz, 2007b) e a Escala Fatorial de Extroversão (Nunes & Hutz, 2007a), ao passo que outras duas contemplam os cinco fatores: *Revised NEO Personality Inventory* (NEO-PI-R), cuja versão brasileira foi desenvolvida por Flores-Mendoza (2008), e a Bateria Fatorial de Personalidade, de autoria de Nunes, Hutz e Nunes (2010). De acordo com Trentini e colaboradores (2009), alguns outros instrumentos relacionados ao modelo dos CGF deverão, em breve, estar disponíveis no Brasil, como por exemplo a Escala de Abertura a Experiências, validada por Vasconcelos e Hutz (2008), e o Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade Revisado - ICFP/R, desenvolvido pelo LabPam – UnB. A criação desses instrumentos permitirá que mais estudos sejam feitos nessa área, enriquecendo o campo da Avaliação da Personalidade.

Diante da diversidade de teorias e instrumentos disponíveis para avaliação da personalidade, estudos que visem à análise da produção científica se tornam importantes, uma vez que permitem a clarificação dos enfoques que têm sido dados nos estudos, visto que possibilitam a classificação dos assuntos que vêm recebendo maior destaque entre os pesquisadores de uma área, o tipo de investigação que vem sendo privilegiada, bem como a qualidade e efetividade dessas investigações (Witter, 1999). Outras vantagens são apontadas por Méis e Letas (1996) ao afirmarem que conhecer o atual estado de produção científica sobre determinado tema permite a identificação de lacunas que necessitam de maiores investigações, a caracterização de instrumentos mais utilizados e o conhecimento dos conceitos-chave que vêm permeando as investigações científicas, de forma que trabalhos sobre produção científica possuem, portanto, grande relevância, pois fornecem um mapeamento das contribuições, necessidades e déficits da produção em uma determinada área (Lustoza, Oliveira & Mello, 2010). Pelos motivos expostos, o presente trabalho teve como objetivo o levantamento e análise da produção científica

nacional relacionada ao modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade.

As bases de dados virtuais são hoje uma grande fonte de disponibilização de artigos completos e, tendo em vista a facilidade de acesso, essa prática favorece a amplitude de divulgação dos estudos científicos (Barroso, 2010). Ao indexar diversos periódicos científicos, dissertações, teses e capítulos de livros em fontes virtuais, visando garantir acesso à informação de forma rápida e precisa em espaço virtual, os pesquisadores acabam por garantir a visibilidade e o acesso universal à literatura científica (Joly & cols., 2004), de forma a consistir, segundo a autora, em fonte privilegiada na realização de avaliação da produção científica em determinada área.

A maior parte dos estudos de metaciência sobre a psicologia no Brasil têm utilizado como fontes de pesquisa os resumos de congressos, bases de dados virtuais e periódicos impressos, além de dissertações e teses (Bariani, Buin, Barros & Escher, 2004; Santos, Oliveira, Joly & Suehiro, 2003; Witter, 2003). Dentre esses, Barroso (2010) afirma serem as análises de resumos de apresentações de congresso as mais frequentes, opções amparadas devido, principalmente, a questões apontadas por Yamamoto, Souza e Yamamoto (1999): 70% dos periódicos latino-americanos não estão incluídos em bases de dados indexadas, resultando em baixa visibilidade, somado a um conjunto de aspectos problemáticos como a irregularidade na publicação e distribuição das revistas, além da falta de normatização dos artigos. Contudo, os mesmos autores chamam a atenção para o fato de que as análises dos artigos publicados em periódicos são mais indicadas do que análises de publicações de anais de congressos, quando se realizam estudos sobre a produção científica, uma vez que permitem o acesso completo ao trabalho, visto que nem sempre as informações dos resumos são suficientes. Por esses motivos, trabalhos dos dois tipos foram considerados nesta análise.

Diante da importância apontada pelos autores, da utilização de bases de dados de periódicos e de resumos de congressos nos estudos que visam à análise da produção científica, a coleta dos dados desta pesquisa foi desenvolvida em duas bases consideradas bastante completas para acesso à produção científica nacional (Scielo, que contempla 242 periódicos, e Pepsic, que contempla 81 periódicos), confirmando a opinião exposta por

Noronha e Fernandes (2008), de que essas duas se constituem nas bases mais conhecidas pelos pesquisadores e como local onde se encontra a maior parte das publicações realizadas. Adicionalmente, o Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica foi selecionado pelo fato de se constituir no mais importante evento brasileiro da área.

Considerando-se a importância de destacar as tendências das pesquisas brasileiras sobre avaliação da personalidade que vêm sendo desenvolvidas dentro do Modelo CGF e, perante a constatação da importância reconhecida deste modelo e a recenticidade na utilização do mesmo no Brasil, o presente estudo tem por objetivo pesquisar e identificar aspectos relevantes da produção científica brasileira acerca do modelo dos CGF da personalidade, na tentativa de destacar o que vem sendo publicado na literatura científica nacional, considerando-se as publicações dos últimos dez anos.

## MÉTODO

Dois levantamentos de pesquisas acerca do modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade foram realizados. No primeiro objetivou-se analisar os artigos publicados sobre este modelo em duas importantes bases de dados eletrônicas, Scielo e Pepsic. A escolha das bases de dados se deu em razão da importância de ambas para o acesso à produção científica em Psicologia e áreas afins, mediante a publicação de periódicos em formato eletrônico e sua disponibilização gratuita na internet. Um segundo levantamento, visando à complementação dos trabalhos encontrados nas bases periódicas (visto que nem todos os trabalhos apresentados chegam efetivamente à publicação) teve por objetivo a análise das pesquisas que foram apresentadas sobre este modelo nas quatro edições do Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica (2003, 2005, 2007 e 2009), de forma a ampliar o número de trabalhos avaliados.

No levantamento das duas bases de dados, a busca foi realizada a partir dos descritores “avaliação psicológica”, “avaliação da personalidade”, “modelo dos cinco grandes fatores da personalidade”, “personalidade”, “Big Five” e “traços de personalidade”, presentes tanto no tema quanto nas palavras-chave ou nos resumos constantes em duas bases de dados (*Scientific Electronic Library Online – SCIELO e Periódicos*

*Eletrônicos em Psicologia – PEPSIC*), entre os anos 2001 e 2010. Dessa forma, foram selecionados 25 trabalhos que se referiam ao modelo dos Cinco Grandes Fatores, sendo excluídos os demais, de forma que o artigo mais antigo data de 2001 e o mais recente, de 2009. Dentre os 25 artigos, dois encontravam-se duplicados nas duas bases de dados, ou seja, dois artigos foram encontrados tanto no Scielo quanto no Pepsic, sendo por este motivo contabilizados uma única vez, de forma que ao final foram utilizados 23 trabalhos, 14 provenientes da base de dados Pepsic e 9 da base de dados Scielo.

Na segunda busca, realizada nas quatro edições do congresso, o levantamento dos trabalhos foi feito por meio dos descritores “personalidade”, “modelo dos cinco grandes fatores da personalidade”, “Big Five” e “traços da personalidade”. Após esse levantamento foram selecionados apenas os trabalhos que tinham como

base o modelo dos CGF da personalidade, tendo-se encontrado um total de 30 trabalhos nas quatro edições do evento.

Assim, os artigos e trabalhos foram analisados de acordo com os seguintes critérios: ano de publicação, autoria (número de autores por artigo e quantidade de artigos por autor), filiação institucional, região do Brasil a que pertence o pesquisador, instrumento utilizado e tipo de amostra.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

Com a finalidade de visualizar o caminho que vem sendo percorrido na investigação da temática, o primeiro dado analisado referiu-se ao ano de publicação / apresentação dos trabalhos. Os resultados são fornecidos na Tabela 1.

Tabela 1. Ano de publicação / apresentação dos trabalhos

Ano	Artigos		Congresso	
	F	%	F	%
2001	1	4,3	-	-
2003	1	4,3	2	6,4
2005	-	-	7	22,6
2006	3	13,1	-	-
2007	3	13,1	6	19,4
2008	4	17,4	-	-
2009	11	47,8	15	51,6
Total	23	100,0	30	100,0

De acordo com a tabela podemos verificar que, em relação ao ano de publicação, a maior concentração de trabalhos encontra-se situada no ano de 2009, com 47,8% dos artigos publicados e 51,6% de trabalhos apresentados no congresso, embora desde 2005 possa ser notado um interesse crescente pela temática nos congressos e desde 2006 nas publicações. Na Tabela 1 ainda pode-se notar que, em relação aos trabalhos apresentados nos congressos, seu número tem aumentado a cada edição do evento, corroborando o interesse crescente pela temática, também encontrado na análise dos artigos constantes nas duas bases de dados.

Percebe-se, ainda, a existência de alguns anos em que nenhuma publicação foi encontrada

nas bases de dados (2002, 2004 e 2005). Interessantemente esse dado nos mostra que, embora o primeiro instrumento brasileiro para avaliação da personalidade baseado no modelo CGF (a Escala Fatorial de Neuroticismo) tenha sido publicado no ano de 2001, coincidindo com o ano em que se constata o aparecimento da primeira publicação encontrada, este fato parece não ter suscitado inicialmente a curiosidade dos pesquisadores visto que nos anos seguintes não são encontrados artigos embasados no modelo dos CGF, com exceção do ano de 2003 em que um trabalho foi publicado. Em contrapartida, o aumento no número de pesquisas, principalmente no ano de 2009, pode ser compreendido diante do fato que outros instrumentos somente foram publicados no

Brasil após o ano de 2007 (Escala Fatorial de Socialização e Escala Fatorial de Extroversão em 2007 e o Neo-Pi-R em 2009). Nota-se também que os demais instrumentos, ainda em fase de estudos, citados por Trentini e colaboradores (2009), começam a aparecer na literatura nesse período, tomando-se, muitas vezes, como critério de validação os instrumentais já disponíveis.

Outra importante constatação refere-se ao fato de que, se considerarmos que a presente pesquisa englobou um período referente a dez anos de publicação, o fato de ter encontrado somente 23 artigos sobre a temática no Brasil (média de 2,3 artigos por ano) mostra que a mesma ainda tem sido pouco explorada, embora se tenha notado um aumento no interesse dos pesquisadores. Constatase ainda que, embora esse aumento seja notável, uma diferença nas produções nas edições do congresso e das bases de dados pode ser percebida, o que nos faz refletir sobre a questão de que nem tudo que é apresentado e pesquisado no meio científico efetivamente chega à publicação. Por esse motivo, provavelmente, muitas questões e muitas lacunas ainda permanecem em relação à avaliação da personalidade no modelo dos CGF, embora essas possam estar sendo investigadas.

Nesse sentido, uma reflexão se faz necessária. Uma possível limitação dos resultados encontrados pode estar diretamente ligada à seleção dos descritores utilizados. Uma hipótese a ser considerada refere-se a uma maior amplitude dos termos que foram utilizados nas buscas, de forma que a sua ampliação e a inserção de novos descritores poderia ter contribuído para o aumento no número de trabalhos avaliados, de forma que uma nova busca, mais ampla, é recomendada.

O segundo dado analisado nos trabalhos referiu-se à questão da autoria, tendo-se investigado a filiação institucional dos autores. O levantamento desse tipo de dado justifica-se diante do fato que eles auxiliam na compreensão da distribuição do interesse pela temática em nosso país, ao apontar possíveis concentrações ou distribuições. Os dados podem ser visualizados na Tabela 2.

Uma primeira ressalva fica por conta de, em razão de alguns trabalhos envolverem mais de um autor, o número total contabilizado ultrapassar o número de trabalhos avaliados. O que se pode ver, de acordo com a Tabela 2, é um número representativo de publicações de artigos por pesquisadores vinculados à Universidade São Francisco (23,58% dos trabalhos), seguida pela

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (17,82%). Nos trabalhos oriundos dos congressos, a mesma concentração na UFRGS ocorre (18,70%). Contudo, nesse tipo de modalidade de comunicação a UnB também se destaca no número de trabalhos apresentados (13,95%), seguida da USF (11,64%). Essa concentração pode ser interpretada quando se constata que os autores da maior parte das escalas publicadas sobre o modelo dos CGF encontram-se vinculados a essas instituições.

Nota-se, ainda, um número razoável de instituições nas quais se podem encontrar pesquisadores interessados na temática, visto que 21 diferentes instituições são encontradas quando se verificou esse tipo de informação junto aos trabalhos apresentados no congresso e 18 nos artigos analisados, demonstrando que os Cinco Grandes Fatores da Personalidade têm sido bastante difundidos e utilizados em nosso país na avaliação da personalidade, conforme apontam Nunes, Hutz e Nunes (2010) ao afirmarem que esse modelo tem sido usado em diversas áreas, como a Psicologia Educacional, Organizacional, Orientação Vocacional, Clínica, etc., e em diferentes regiões do Brasil, conforme validação dos instrumentos, dentre eles a EFN, BFP, e outros. Como consequência do levantamento da filiação institucional dos autores, um terceiro levantamento, das regiões do país a que estes pertencem foi realizado. Essa análise demonstrou que a região brasileira que mais apresentou pesquisadores que publicaram artigos e apresentaram pesquisas dentro da temática dos CGF da personalidade é a região Sudeste (que concentra 45,1% dos artigos e 37,6% dos trabalhos em congresso), seguida da região Sul (35,4% e 33,4% respectivamente).

Um dado que chama a atenção refere-se ao fato de a região Norte não aparecer em nenhum resultado, assim como o fato de a região Nordeste aparecer com pouca publicação de artigos (1 artigo). Dentre os 23 artigos, somente um contou com participação estrangeira, sendo uma coautoria de um pesquisador da Universidade do Quebec. Essa constatação confirma a fala de Marques (2010), segundo o qual a participação mais efetiva em redes internacionais seja essencial para que os artigos produzidos pelos pesquisadores brasileiros tenham mais impacto, visto que a inserção da pesquisa brasileira no cenário mundial encontra-se muito abaixo do desejável e do possível, o que se deve principalmente à questão do idioma. De acordo com Capelle (citado por Marques, 2010, p.

3) “os artigos brasileiros constituem 2,12% das publicações mundiais em 2008, mas recebem menos citações que a média mundial. Comparado

com outros países há ainda escasso intercâmbio acadêmico”.

Tabela 2 - Filiação institucional dos autores

Instituição	Artigos		Congresso	
	F	%	F	%
UFBA	-	-	2	4,65
Universidade Cruzeiro do Sul	-	-	1	2,32
Universidade Veiga de Almeida	-	-	1	2,32
Universidade Metodista de São Paulo	-	-	1	2,32
Universidade Federal de Goiás	-	-	1	2,32
Faculdade Rui Barbosa	-	-	2	4,65
Universidade Federal Fluminense	-	-	1	2,32
Universidade Federal do Ceará	-	-	1	2,32
Centro Universitário João Pessoa	-	-	2	4,65
Faculdades Integradas Einstein de Limeira	-	-	1	2,32
Universidade Potiguar	-	-	1	2,32
Faculdade Americana	1	1,92	-	-
Universidade Estadual Paulista	1	1,92	-	-
Faculdades de Taquara	1	1,92	-	-
Universidade do Quebec	1	1,92	-	-
Faculdade Politécnica de Jundiaí	1	1,92	-	-
UFS	1	1,92	1	2,32
UFSC	1	1,92	3	6,97
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	1	1,92	1	2,32
Faculdade Santa Maria	2	3,84	1	2,32
PUC Rio Grande do Sul	2	3,84	1	2,32
PUC Campinas	2	3,84	1	2,32
UFMG	2	3,84	-	-
UFMS	2	3,84	-	-
UnB	2	3,84	6	13,95
UFPB	4	8,18	2	4,65
Casa do Psicólogo	6	12,02	-	-
UFRGS	9	17,82	8	18,70
USF	12	23,58	5	11,64
Total	52	100	43	100

O dado referente à concentração de pesquisa em algumas regiões reflete a situação geral da pesquisa em psicologia no país, visto que, segundo dados da Coordenadoria de Apoio à Pesquisa – Capes ([www.capes.org.br](http://www.capes.org.br)), o Brasil conta hoje com 104 cursos de pós-graduação em psicologia, distribuídos em 64 programas. Dentre eles, 27 instituições se situam na região sudeste, 9 na região sul, 6 na região centro-oeste, 11 na região nordeste e 4 na região norte. Uma análise dos índices presentes nas pesquisas brasileiras, realizada por Marques (2010), corrobora a constatação encontrada neste trabalho, de superioridade da região sudeste no número de pesquisas e publicações brasileiras, situação que reflete, de uma forma geral, a situação da pesquisa no país. O autor apontou, por exemplo, que o Estado de São Paulo, sozinho, forma 48% dos doutores brasileiros, concentra 30% dos que estão em atividade de pesquisa e produz 50% dos artigos publicados em revistas indexadas, de forma que os dados revelam a disparidade com que as pesquisas são realizadas em nosso país. Assim, uma constatação interessante deve-se ao baixo número de publicações feitas por pesquisadores da região nordeste, uma vez que, em números de programas de pós-graduação, essa região atinge o segundo lugar, embora acabe sendo responsável por pequena parcela dos trabalhos. Uma possível hipótese explicativa ampara-se na crença de que esses programas não apresentem linhas de pesquisa que abranjam a investigação da personalidade, de maneira que novos levantamentos possam indicar se essa situação refere-se especificamente à temática dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade ou se pode ser generalizada para a Psicologia de uma forma geral.

Novamente, o número de autores por região do país ultrapassa o número de artigos avaliados, visto que alguns trabalhos foram desenvolvidos por mais de um autor. Essa informação acerca do número de autores por trabalho nos mostra que a maioria dos artigos publicados nas bases de dados e nos trabalhos do congresso foi escrito por 2 autores (47,82%, e 46,66%, respectivamente), sendo 6 o número máximo de autores nos artigos e 9 autores nos trabalhos do congresso, porém, com esses acontecendo com uma porcentagem pequena (8,64%, e 6,66%, respectivamente). Chama a atenção o fato de que nenhum artigo com um único autor foi encontrado e somente um trabalho com um único autor foi apresentado no congresso.

Em relação à questão da autoria múltipla, os

autores acreditam que o fato do trabalho ser desenvolvido por mais de um autor pode tornar o mesmo mais enriquecido, por dois motivos. O primeiro se refere à complementação de pontos de vista, e o segundo à possibilidade de colaboração de autores de diferentes regiões do país, de forma a permitir o desenvolvimento de pesquisas que contemplem uma amostra mais diversificada da população brasileira. Nesse sentido, as pesquisas com o modelo dos CGF podem, inclusive, ser empregadas com o objetivo de confirmar a validade do modelo perante a diversidade cultural que compõe a realidade do nosso país. Noronha e Vendramini (2003) apontam a necessidade de que as pesquisas desenvolvidas, principalmente aquelas voltadas ao desenvolvimento de novos instrumentos, sejam amparadas por “padrões nacionais de construção estabelecidos futuramente, de forma que as necessidades do país e a diversidade cultural aqui existente possam ser contempladas” (p. 181), visto que, segundo Hutz e Bandeira (2003), “tipicamente as amostras de padronização se limitam à cidade na qual o pesquisador trabalha, não refletindo de forma precisa as outras regiões do país” (p. 268).

Esta situação, ainda de acordo com Hutz e Bandeira (2003), embora lentamente, está sendo modificada pelo estabelecimento de parcerias e cooperação entre os diversos laboratórios de pesquisa, de forma a permitir pesquisas com amostras de vários estados. Embora ainda não sejam amostras representativas da população brasileira, esta prática tem se constituído como um passo importante na melhoria da qualidade dos instrumentos psicológicos.

Diante dessas constatações, a caracterização das amostras que vêm sendo utilizadas nas pesquisas sobre o CGF foi realizada e indicou que os adultos têm sido o tipo de amostra mais enfocada nas duas pesquisas, representando 50,0% do total de artigos e 66,7% dos trabalhos apresentados em congresso, juntamente com os jovens de idade entre 13 e 18 anos (47,0%, e 27,3%, respectivamente). A análise dos dados ainda nos mostra que estudos que tenham como foco a investigação da personalidade de crianças e idosos no modelo CGF são praticamente inexistentes, tendo sido encontrado somente um artigo e dois trabalhos no congresso cuja pesquisa tenha sido desenvolvida com crianças, ao passo que os idosos não constituíram nenhuma amostra nos estudos citados, apontando uma lacuna para futuros estudos.



Uma das hipóteses explicativas se ampara na constatação de que a maioria dos instrumentais brasileiros encontra-se validada para uso em jovens e adultos, não se tendo, até o momento, nenhum instrumento específico para crianças (embora pesquisas venham sendo feitas com um instrumento, conforme pode ser visualizado na Tabela 3). Essa percepção reflete, de uma forma geral, a situação geral da Avaliação Psicológica, uma vez que a maioria dos instrumentos disponíveis se concentra na avaliação de adolescentes e adultos, conforme apontamento realizado por Hutz e Bandeira (2003): “

*Há uma demanda constante por parte dos pesquisadores a instrumentos válidos que permitam a realização de coleta de dados confiáveis, especialmente com crianças e adolescentes.* (p. 270)

Por fim, considerando que a maior parte dos trabalhos encontrados caracterizaram-se como trabalhos empíricos, o levantamento dos instrumentos utilizados nessas pesquisas foi realizado e pode ser visualizada na Tabela 4. Para efeito de análise foram considerados somente os instrumentos que se embasam no modelo dos Cinco Grandes Fatores. Vale enfatizar que vários estudos fizeram uso de mais de um instrumento na sua metodologia, de forma que a soma ultrapassa o número de trabalhos avaliados.

Assim, nota-se pela Tabela 4 que o instrumento mais utilizado pelos autores é a EFN (31,0% dos artigos e 26,4% dos trabalhos no congresso). Essa maior frequência do uso da EFN pode dever-se ao fato de que este é o instrumento mais antigo no Brasil desenvolvido sob este modelo, tendo sido publicado em 2001. Grande número de pesquisas também foram realizadas fazendo uso da EFS (17,2% dos artigos, e 13,2% dos trabalhos do congresso) e da EFEx (20,6% dos artigos e 19,8% dos trabalhos no congresso). Uma consideração importante se refere ao fato de que esses instrumentos utilizados em maior número de trabalhos eram os únicos, no momento do levantamento, a estarem publicados e autorizados para uso pelo Conselho Federal de Psicologia, com exceção do NEO-PI-R, cuja ausência de pesquisas pode estar relacionada ao fato de que o presente levantamento considerou os trabalhos publicados até o ano de 2009, e a adaptação brasileira somente foi publicada em 2008, situação que provavelmente não possibilitou tempo hábil para publicações de pesquisas que fizessem uso desse instrumental.

Torna-se importante salientar que alguns instrumentos ainda não publicados vêm sendo investigados (Escala Fatorial de Realização, *Big Five Questionnaire for Children*, Inventário dos CGF da Personalidade, Big Five Adjetivos Marcadores da Personalidade e Escala de Abertura à Experiência), demonstrando que, em breve, os pesquisadores poderão contar com mais instrumentos na sua prática avaliativa. Chama a atenção o fato que um desses instrumentos, a Bateria Fatorial de Personalidade, embora ainda não tivesse sido lançada na ocasião da última edição avaliada do congresso, foi responsável por uma porcentagem significativa de trabalhos apresentados (19,8%).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a análise da produção científica oferece um parâmetro de qualidade acerca do conhecimento que vem sendo produzido em determinada temática, os resultados oriundos desse levantamento de artigos publicados nas bases de dados Scielo e Pepsic e dos trabalhos apresentados nas quatro edições do Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica mostraram que o Modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade vem ganhando espaço nas pesquisas brasileiras sobre personalidade dado o aumento, nos últimos dez anos, no número de trabalhos encontrados sobre a temática. Entretanto, se compararmos o número de pesquisas sobre personalidade nas mesmas bases consultadas, veremos que, em relação aos congressos, de um total de 335 trabalhos que investigavam a personalidade, somente 30 deles (8,9%) embasavam-se no modelo dos CGF. A mesma situação é encontrada nas bases de dados, nas quais uma busca a partir do descritor “personalidade” retorna, no Scielo, um total de 108 artigos, e, ao analisar quantos desses utilizam o CGF como base, verifica-se que somente 9, ou seja, 8,3% são embasados nessa teoria. Em relação ao Pepsic, 145 são encontrados sobre personalidade de uma forma geral, sendo 14 deles (9,6%) dentro desse modelo. Os resultados apontam para o fato de que provavelmente muitas questões e muitas lacunas ainda permanecem em relação à avaliação da personalidade no modelo dos CGF, compreensíveis diante da constatação de que esse é um modelo que começou a ser investigado recentemente no Brasil (com a primeira publicação encontrada nessa pesquisa em 1998).

Tabela 3. Caracterização da Amostra

Amostra	Artigos		Congresso	
	F	%	F	%
Idosos	0	0	0	0
Crianças	1	3,0	2	6,0
Jovens	11	47,0	9	27,3
Adultos	17	50,0	22	66,7
Total	34	100	33	100

Tabela 4. Instrumentos utilizados nas pesquisas

Instrumentos	Artigos		Congressos	
	F	%	F	%
Escala Fatorial de Realização (EFR)	1	3,5	1	3,3
Big Five Questionnaire for Children (BFQ-C)	1	3,5	-	-
Bateria Fatorial de Personalidade (BFP)	1	3,5	6	19,8
Inventário dos CGF da Personalidade	2	6,9	3	9,9
Big Five – Adjetivos Marcadores da Personalidade	2	6,9	1	3,3
Escala de Abertura à Experiência (EFA)	2	6,9	1	3,3
Escala Fatorial de Socialização (EFS)	5	17,2	4	13,2
Escala Fatorial de Extroversão (EFEx)	6	20,6	6	19,8
Escala Fatorial de Neuroticismo (EFN)	9	31,0	8	26,4
Total	29	100,0	30	100

Apesar de suas pesquisas ainda serem incipientes, os achados têm demonstrado a validade da sua utilização na população brasileira, em amostras diversificadas e fazendo uso de instrumental variado, embora estudos envolvendo amostra de idosos e crianças foram praticamente inexistentes. Tal fato pode ser compreendido diante da constatação de que a maioria dos instrumentais brasileiros encontra-se validada para uso em jovens e adultos, não se tendo, até o momento, nenhum instrumento específico para crianças, de forma a apontar lacunas para futuros estudos, como o desenvolvimento de pesquisas que envolvam ampliação da amostra, tendo como foco a personalidade de idosos e crianças, a avaliação da validade do modelo em diferentes etapas da vida do indivíduo, entre outros. Nesse sentido, com base no avanço dos estudos, principalmente aqueles voltados à validação de instrumentos baseados neste modelo, será possível ampliar e aprimorar a

avaliação da personalidade no Brasil, justificando a sua importância.

Considerando-se que o levantamento das pesquisas restringiu-se a duas bases de dados e aos trabalhos apresentados em um congresso, a ampliação das fontes consultadas é recomendada para que se possa visualizar de uma forma mais ampla a produção científica em personalidade, mais especificamente no modelo dos CGF. Embora as bases consultadas apresentem indexadas as revistas brasileiras mais importantes na área de psicologia, certamente alguns trabalhos nacionais representativos da área da personalidade podem ter sido excluídos, de forma que uma ampliação desse trabalho é recomendada a fim de que outras bases possam ser consultadas (citando-se o exemplo da BVS-Psi), além da busca em bases de teses e dissertações, para que um panorama mais completo possa ser traçado.

## REFERÊNCIAS

- Allport, G. W. (1966). *Personalidade padrões e desenvolvimento*. São Paulo: Herder; Editora da Universidade de São Paulo.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. 7ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Barroso, S. M. (2010). Avaliação psicológica: análise das publicações disponíveis na SciELO e BVS-Psi. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(1), 141-154.
- Bariani, I. C. D., Buin, E., Barros, R. C. & Escher, C. A. (2004). Psicologia escolar e educacional no ensino superior: análise da produção científica. *Psicologia Escolar e Educacional*, 8, 17-27.
- Costa, P. T. & McCrae, R. R. (1988). From catalog to classification: Murray's needs and the Five-Factor Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55 (2), 255-265.
- Cuperman, R. & Ickes, W. (2009). Big Five predictors of behavior and perceptions in initial dyadic interactions: personality similarity helps extraverts and introverts, but hurts "disagreeables". *Journal of Personality and Social Psychology*, 97(4), 667-684.
- Flores-Mendoza, C. (2008). *Inventário de Personalidade NEO Revisado NEO PI-R*—Manual. São Paulo: Vetor.
- Garcia, L. F. (2006). Teorias psicométricas da personalidade. Em C. E. Flores-Mendoza & R. Colom (Orgs.), *Introdução à psicologia das diferenças individuais* (pp. 219-242). Porto Alegre: Artmed.
- Hutz, C. S. & Bandeira, D. R. (2003). Avaliação psicológica no Brasil: situação atual e desafios para o futuro. Em O. H. Yamamoto, & V.V. Gouveia. *Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e prática psicológica* (pp. 261-277). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hutz, C. S. & Nunes, C. H. S. S. (2001). *Escala Fatorial de Neuroticismo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hutz, C. S. Nunes, C. H. S. S. Silveira, A. D. Serra, J. Anton, M. & Wiczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos Cinco Grandes Fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 395-409.
- Joly, M. C. R. A., Martins, R. X., Abreu M. C., Souza, P. R. R. & Cozza, H. F. P. (2004). Análise da produção científica em avaliação psicológica informatizada. Porto Alegre: *Avaliação Psicológica*, 3(2), p. 121-129.
- Laak, J. T. (1996). Las Cinco Grandes Dimensiones de La Personalidad. *Revista de Psicología de La PUCP*. 14 (2), 129-171.
- Lustoza, R. Z., Oliveira, K. L. & Mello, B. N. (2010). Produção científica no contexto psicanalítico. *Psico-USF*, 15(2), 161-169.
- Méis, L. & Leta, J. *O perfil da ciência brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- Marques, F. (2010). A contribuição de São Paulo. *Pesquisa FAPESP*, 171, 29-35.
- McCrae, R. R. (1993). Openness to experience as a basic dimension of personality. *Imagination, Cognition and Personality*, 13, 39-55.
- McCrae, R. R. & Costa, P. T., Jr. (1997). Personality trait structure as a human universal. *American Psychologist*, 52, 509-516.
- Noronha, A. P. P. & Fernandes, D. C. (2008). Estresse laboral: Análise da produção científica brasileira na SciELO e BVS-Psi. *Fractal*, 20(2), p. 491-501.
- Noronha, A. P. P. & Vendramini, C. M. M. (2003). Parâmetros psicométricos: Estudo comparativo entre testes de inteligência e de personalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16(1), 177-182.
- Nunes, C. H. S. S. & Hutz, C. S. (2002). O modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. Em R. Primi (Org.), *Temas em avaliação psicológica* (pp. 40-49). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nunes, C. H. S. S. & Hutz, C. S. (2007a). *Escala Fatorial de Extroversão – Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nunes, C. H. S. S. & Hutz, C. S. (2007b). *Escala Fatorial de Socialização – Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nunes, C. H. S. Hutz, C. S. & Giacomoni, C. H. (2009). Associação entre bem estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Avaliação. Psicológica*, 8(1), 99-108.
- Nunes, C. H. S. S. Hutz, C. S. & Nunes, M. F. O. (2010). *Bateria Fatorial de Personalidade (BFP): Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pacheco, L. & Sisto, F. F. (2003). Aprendizagem por interação e traços de personalidade. *Psicologia Escolar e Educacional*, 7(1), 69-76.
- Pervin, L. A. & John, O. P. (2004). *Personalidade:*

- Teoria e pesquisa*. Trad. Ronaldo Cataldo Costa, 8ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Pimentel, C. E. & Donnell, E. D. O. P. (2008). A relação da preferência musical com os cinco grandes fatores da personalidade. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(4), 696-713.
- Prinzle, P. Dekovic, M. Reijntjes, A. H. A. Stams, G. J. J. M. & Belsky, J. (2009). The Relations Between Parents' Big Five Personality Factors and Parenting: A Meta-Analytic Review. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97(2), 351-362.
- Rebollo, I. & Harris, J. R. (2006). Genes, ambiente e personalidade. In C.E. Flores-Mendoza & R. Colom (Orgs.). *Introdução à Psicologia das diferenças individuais* (pp. 300-322). Porto Alegre: Artmed.
- Santos, A. A. A. Oliveira, L. K. Joly, M. C. R. A. & Suehiro, A. C. B. (2003). I Congresso Nacional de "Psicologia – Ciência e Profissão": O que tem sido feito na psicologia educacional. *Psicologia Escolar e Educacional*, 7, 135-144.
- Silva, R. S. Schlottfeldt, G., Rozenberg, M. P. Santos, M. T. & Lelé, A. J. (2007). Replicabilidade do modelo dos Cinco Grandes Fatores em medidas de personalidade. *Mosaico Estudos em Psicologia*, 1(1), 37-49.
- Sisto, F. F. & Oliveira, A. F. (2007). Traços de personalidade e agressividade: Um estudo de evidência de validade. *Psic*, 8(1), 89-99.
- Trentini, C. M., Hutz, C. S., Bandeira, D. R., Teixeira, M. A. P., Gonçalves, M. T. A. & Thomazoni A. R. (2009). Correlações entre a EFN - Escala Fatorial de Neuroticismo e o IFP - Inventário Fatorial de Personalidade. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 209-217.
- Urquijo, S. (2001). Modelos circunplexos da personalidade. Em F. F. Sisto, E. T. B. Sbardelini & R. Primi. (Orgs.), *Contextos e questões da avaliação psicológica* (pp. 31-49). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vasconcellos, S. J. L. & Hutz, C. S. (2008). Construção e validação de uma escala de abertura à experiência. *Avaliação Psicológica*, 7(2), 135-141.
- Witter, G. P. (1999). Metaciência e leitura. Em G. P. Witter (Org.), *Leitura: Textos e pesquisas*. (pp. 13 -22). Campinas: Alínea.
- Witter, G. P. (2003). Professor-estresse: Análise da produção científica. *Psicologia Escolar e Educacional*, 7, 33-46.
- Yamamoto, O. H., Souza, C. C. & Yamamoto, M. E. (1999). A produção científica na psicologia: Uma análise dos periódicos brasileiros de 1990-1997. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12, 549-565.

Recebido em junho de 2010  
Reformulado em novembro de 2010  
Aceito em maio de 2011

## SOBRE AS AUTORAS

*Izabella Brito Silva*: mestranda do curso de pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas, bolsista Capes.

*Tatiana de Cássia Nakano*: docente do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da PUC-Campinas.